

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: F. Cordas, E. Ferreira,
M. Laranjeira, M. Lourinho, F. Mendes e E. Miranda

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIPOGRAFIA GOMES & RODRIGUES, LDA.
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00

Assinatura anual 20\$00

ANO XVIII

MARÇO 1957

N.º 126

DIA DE JEJUM E ORAÇÃO

30 DE MARÇO DE 1957

Na Colômbia, há alguns anos atrás, sofremos duras perseguições. Como consequência de uma mudança de Governo notou-se depois certa acalmia, que pouco tempo durou. Actualmente os 8.000 membros da Igreja Adventista naquele país estão sofrendo mais do que nunca. Apesar dos esforços dos nossos dirigentes para obterem justiça das autoridades, as coisas têm ido de mal para pior.

Recentemente, mais de 200 membros tiveram de abandonar as suas casas; outros foram presos, torturados e mortos. Noutra local desta Revista se encontrarão mencionados alguns casos, que falam por si mesmos.

Os crentes adventistas dos outros países não podiam ficar indiferentes a esta situação. Por isso, por decisão da Conferência Geral, secundada pelos dirigentes dos diversos campos, vai ser dedicado um dia especial de jejum e oração, durante o qual os membros da Igreja

Adventista em todo o Mundo vão implorar a intervenção de Deus em favor do Seu povo na Colômbia.

Onde termina a possibilidade humana, começa a oportunidade divina.

Foi nesse espírito que os judeus perseguidos na Pérsia se uniram a Ester em jejum e oração. E a sua fé foi recompensada com uma maravilhosa libertação.

A prosperidade faz-nos por vezes esquecer a nossa dependência de Deus. No tempo de aflição é-nos mais fácil reconhecer quão limitadas são as nossas forças e que, se desejamos a vitória, só a podemos esperar do Senhor.

Ao dedicarmos ao jejum e à oração o próximo dia 30 de Março, busquemos ao Senhor com humildade e fé, na certeza de que Ele cumprirá as Suas promessas em favor dos nossos irmãos na Colômbia.

E. F.

O CULTO DOMÉSTICO

por E. G. WHITE

Se já houve tempo em que toda a casa deveria ser uma casa de oração, é agora esse tempo. Prevalecem a incredulidade e o cepticismo. Predomina a iniquidade. A corrupção penetra nas correntes vitais da alma, e irrompe na vida a rebelião contra Deus. Escravas do pecado, as faculdades morais estão sob a tirania de Satanás. A alma torna-se o juguete de suas tentações; e a não ser que se estenda um braço poderoso para o salvar, o homem passa a ser dirigido pelo arqui-rebelde.

Contudo, neste tempo de terrível perigo, alguns que professam ser cristãos não celebram culto doméstico. Não honram a Deus no lar; não ensinam os filhos a amá-lo e temê-lo. Muitos afastaram-se tanto que se sentem sob condenação ao aproximarem-se d'Ele. Não podem chegar-se «com confiança ao trono da graça», «levantando mãos santas, sem ira nem contenda». Heb. 4:16; 1 Tim. 2:8. Não desfrutam viva comunhão com Deus. Têm a forma de piedade, sem o poder.

A ideia de que a oração não é prática essencial constitui um dos mais bem sucedidos estratagemas de Satanás para destruir almas. Oração é comunhão com Deus, a Fonte da sabedoria, o manancial de poder, paz e felicidade. Jesus orava ao Pai «com grande clamor e lágrimas». Paulo exorta os crentes a orarem «sem cessar», fazendo em tudo conhecidos os seus pedidos a Deus, em orações e súplicas, com acções de graças. «Orai uns pelos outros», diz Tiago; «a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos». Heb. 5:7; 1 Tess. 5:17; Tiago 5:16.

Pela sincera e fervorosa oração devem os pais erigir um muro em torno dos filhos. Devem suplicar, com plena fé, que Deus entre eles habite, e santos anjos os guardem, a eles e aos filhos, do poder cruel de Satanás.

Em cada família deve haver

um tempo determinado para os cultos matutino e vespertino. Quão próprio é reunirem os pais em redor de si os filhos, antes de quebrar o jejum, agradecer ao Pai celeste Sua protecção durante a noite e pedir-Lhe guia, auxílio e protecção para o dia! Que adequado, também, que chegando a noite, se reunam uma vez mais em Sua presença, pais e filhos, para agradecer as bênçãos do dia findo!

O pai e, em sua ausência, a mãe, deve dirigir o culto, buscando um trecho das Escrituras que seja interessante e de fácil compreensão. Convém que o culto seja breve. Se foi lido um capítulo extenso e feita oração longa, o culto torna-se maçador e, ao terminar, tem-se a sensação de alívio. Deus é desonrado quando a hora de adoração se torna insípida e enfadonha, quando é tão tediosa, tão destituída de interesse que as crianças lhe têm horror.

Tornar interessante o culto

Pais e mães, tornai a hora do culto intensamente interessante. Não há razão para que essa hora não deva ser a mais agradável e jubilosa do dia. Alguma preparação para ela habilitar-vos-á a torná-la cheia de interesse e proveito. De tempos a tempos introduzi variação. Podem formular-se perguntas sobre a porção lida e fazer-se algumas sérias e oportunas observações. Pode cantar-se um hino de louvor. A oração feita deve ser breve e concisa. Com palavras simples e fervorosas, a pessoa que faz a oração louve a Deus por Sua bondade e peça-Lhe auxílio. Tomem parte as crianças na leitura e na oração, quando o permitirem as circunstâncias.

Só a eternidade revelará o bem de que estão revestidos esses períodos de oração.

A vida de Abraão, o amigo de

Deus, era uma vida de oração. Onde quer que armasse sua tenda, junto dela construía um altar, sobre o qual oferecia os sacrifícios da manhã e da tarde. Ao remover a tenda, o altar ficava. E o errante cananeu, ao chegar àquele altar, sabia quem ali estivera. Depois de armar a tenda, consertava-o e adorava o Deus vivo.

Assim devem os lares cristãos ser luzes no Mundo. Cada manhã e cada noite devem deles ascender a Deus orações como incenso suave. E como o arvalho matutino, Suas misericórdias e bênçãos descerão sobre os suplicantes.

Pais e mães; Cada manhã e cada noite, reuni ao redor de vós os filhos, e com humilde petição elevai a Deus o coração, suplicando-Lhe auxílio. Vossos queridos acham-se expostos à tentação. Contratempos diários juncam o caminho de jovens e velhos. Os que quiserem viver vida paciente, amorosa e alegre, precisam orar. Só recebendo auxílio constante de Deus, poderemos alcançar a vitória sobre o próprio eu.

Cada manhã consagrai-vos, a vós e a vossos filhos, a Deus, para esse dia. Não façais cálculos para meses ou anos; eles não vos pertencem.

Um curto dia é o que vos é dado. Como se fosse esse o vosso último dia na Terra, trabalhai para o Mestre durante as suas horas. Deponde perante Deus todos os vossos planos, para serem executados ou rejeitados, conforme o indique a Sua providência. Aceitai os Seus planos em lugar dos vossos, mesmo quando sua acção exija a renúncia de projectos acariciados. Assim a vida será moldada cada vez mais segundo o modelo divino; e «a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus». Fil. 4:7.

Este número foi visado

pela

Comissão de Censura

As Escolas Bíblicas por Correspondência

G A N H A M A L M A S

na Europa Meridional

por M. Fridlin

A pregação da mensagem adventista através da Voz da Profecia tornou-se, uma feição característica do nosso programa de evangelização. O desenvolvimento desta actividade no decurso dos últimos anos abriu novas possibilidades de êxito, pelas quais estamos gratos a Deus.

Sentimo-nos felizes ao participar às nossas igrejas as vitórias ganhas em 1956 neste ramo da obra do Senhor, porque estas vitórias são devidas em grande medida à fiel cooperação de obreiros e membros. As nossas Escolas Bíblicas por Correspondência registam 252 baptismos durante o ano passado. Este esplêndido resultado faz de 1956 o período mais frutuoso em almas ganhas na história da nossa obra da Rádio e do Curso Bíblico por Correspondência.

A sr.^a Charles Cornaz, que dirige o Curso Bíblico por Correspondência em Marrocos, escreve que seis novos membros foram levados para a igreja naquele país durante o quarto trimestre de 1956; e acrescenta: «Este ano foi melhor do que o precedente, pelo que estamos gratos a Deus. Actualmente temos alguns estudantes interessantes, e esperamos poder baptizar alguns deles no próximo trimestre. Os jovens em Casablanca que já se baptizaram, estão seguindo o curso, e recebem dele grande benefício. Tirámos um grande número de endereços da lista telefónica — endereços de pessoas que vivem no campo —, e desta maneira entrámos em contacto com uma amável senhora que entusiasticamente está obtendo outros endereços para o Curso.»

A. Karl, director da Voz da Esperança Italiana, envia-nos a experiência contada por um ministro da Sicília por altura de uma reunião de obreiros em Florença: «Este ministro foi visitar dois es-

tudantes cujos endereços lhe tinham sido dados há muito pela Escola Bíblica por Correspondência. Descobriu que ambos esses alunos já estavam a guardar o Sábado há algum tempo — um deles durante três anos — embora não tivesse ainda entrado em contacto com nenhum obreiro.» Isto mostra que a Escola Bíblica por Correspondência está silenciosa mas eficientemente realizando o seu trabalho; e que os nossos pastores não devem negligenciar estabelecer contacto com as pessoas cujos endereços lhes foram dados pela Escola.

O progresso da Voz da Profecia não se limita aos países da Europa Meridional. A selva africana e as ilhas do mar desempenham uma grande parte neste avanço. De Yaoundé, a Sr.^a A. Cosendai, que é responsável pelo Curso nos Camarões, escreve: «Um certo número de alunos que vivem em Yaoundé assistem às nossas reuniões, incluindo os cultos de Sábado. Um deles completou a série de lições, e pediu para ser instruído para o baptismo. Das mais remotas regiões deste campo, mesmo onde não temos estações missionárias, muitos correspondentes escrevem afirmando que estão certos de que temos a verdade. Infelizmente, é difícil manter-nos em contacto com eles. Mas esforçamo-nos por nos confortar com o pensamento de que já estarão preparados para nos receber quando entrarmos nessas localidades. Entretanto, enviamos-lhes revistas para manter o contacto. Frequentemente recebemos cartas que alegram os nossos corações — como a seguinte, por exemplo: 'Graças às lições do Curso Bíblico por Correspondência, pude preparar-me para o baptismo, cujo rito recebi das mãos do pastor Olinga Salomão, da Missão Adventista de Avebé, Sangmelima'. Um aluno que vive

em Doualla escreve: 'Até agora não tenho pertencido a qualquer grupo religioso, mas hoje creio que Jesus Cristo me pode salvar. De-sejo unir-mé a um grupo de crentes; e, depois de ter examinado de perto os vossos ensinamentos, decidi tornar-me membro da vossa igreja. Informem-me por favor como poderá isso ser levado a efeito, visto que não tendes nenhum representante em Doualla — pelo menos que seja do meu conhecimento'. Um fiel membro isolado está agora visitando este investigador da verdade, e ministrando-lhe instrução bíblica que lhe permita entrar no seio da igreja. Um estudante de Teologia de outra sociedade missionária escreveu o seguinte: 'Depois de ter estudado cuidadosamente as vossas lições, cheguei à conclusão de que se introduziram na igreja cristã muitos erros graves. Se tendes possibilidade de imprimir estas lições nos Camarões, de boa vontade as traduzirei para o Bamoun, de maneira que todos as possam ler. Que Deus abençoe o vosso trabalho, e vos inspire nele'.» A Sr.^a Cosendai acrescenta que vários alunos do nosso Seminário de Nanga-Eboko foram antes correspondentes da Voz da Profecia. Foram aconselhados a frequentar a nossa escola missionária, e ali continuam a estudar a Bíblia. Este bom relatório termina com a certeza de que a Voz da Profecia continuará alegremente a sua actividade enviando lições a todos os cantos daquele território missionário, e mesmo — como recentemente sucedeu — até Dohomey e o Alto-Volta na África Ocidental Francesa. Mais cedo ou mais tarde, sob a influência do Espírito Santo, elas produzirão os seus frutos.

Outro milagre da graça de Deus teve lugar em Madialaza, Madagascar, no Oceano Índico, situada a 120 quilómetros de Tananarive, na imensa planície que se estende entre Moramanga e o Lago Alaotra. Esta aldeia deve o seu primeiro contacto com a mensagem adventista ao Curso Bíblico por

A PARUSIA DO GRANDE REI

A palavra «parusia» encontra-se dezaes seis vezes no Novo Testamento para designar a segunda vinda de Cristo (1).

O sentido imediato do termo encerra a ideia de *presença*, em contraste com a de *ausência*. Jesus tem estado ausente no Céu, desde a Sua ascensão; com a parusia, Ele voltará de novo a estar presente, em pessoa, junto dos Seus discípulos.

Já nos clássicos gregos a palavra «parusia» tinha um segundo sentido — o de vinda, em particular aplicado quando se tratava da vinda de um personagem importante. O termo é empregado nessa acepção por Eurípedes e Tucídides, e, mais tarde, por Políbio (2).

Aparece a mesma acepção nos

Correspondência. Uma enfermeira do dispensário do governo recebeu um dia as nossas lições. Imediatamente ficou impressionada com a sua beleza. Começou logo a espalhar a verdade entre as pessoas da sua tribo inscrevendo 50 pessoas no Curso Bíblico por Correspondência. Trinta continuam a ser alunos regulares. Recentemente, foi aberto um local adventista de culto nesta aldeia, e contamos que Deus nos dê baptismos — oito candidatas estão já instruídos.

Em presença de um progresso tão encorajador, ousaremos dizer que a mão de Deus não está poderosamente à obra? Acautelemo-nos, porém, não suceda ficarmos satisfeitos com as nossas conquistas. Estas vitórias podiam ser ainda maiores. Queira o Senhor despertar todas as energias latentes na Sua igreja, para podermos inscrever um número sempre crescente de alunos no Curso Bíblico por Correspondência. Teremos assim uma parte com o Senhor no assalto final que Ele fará sobre a fortaleza de Satanás e dos anjos das trevas.

POR
E. FERREIRA

apócrifos bíblicos gregos da tradução dos LXX. Em II Macabeus fala-se da parusia de Nicanor; em outro livro é mencionada a parusia de Judite (3).

No mundo helenístico este segundo sentido revestia um carácter especial. Aplicava-se sobretudo à visita oficial feita por um imperador ou um rei a uma cidade ou a uma região. Os grandes preparativos e imponentes festividades que então tinham lugar tornavam tais parusias particularmente solenes.

Esta acepção do termo aparece em relativamente numerosos documentos desde o século III a. C. até ao séc. II d. C. (4).

No Egipto, consta de alguns escritos em fragmentos de barro (*óstraca*) que se levantavam impostos para fazer face às despesas das solenidades que acompanhavam a parusia de alguns príncipes. Um papiro do séc. III a. C. refere-se a uma contribuição para uma coroa de ouro, que seria oferecida a determinado rei por altura da sua parusia. Outro papiro de cerca de 113 a. C., encontrado em Tebtunis, fala de uma grande distribuição de trigo feita ao povo por ocasião de uma parusia de Ptolomeu II Soter.

Na Ásia, numa inscrição do séc. III a. C., descoberta em Olbia, lê-se acerca de uma parusia do rei Saitharphanes, cujas despe-

«O Conflito dos Séculos»

Encontra-se à disposição do público português «O Conflito dos Séculos», essa obra-prima da pena inspirada de E. G. White, que acaba de ser editada pela Publicadora Atlântico, Lda.

Desconto especial no preço para os membros de igreja na União Portuguesa.

sas foram pagas por um rico cidadão.

Na Grécia, a parusia do imperador Adriano marcou o início de uma nova era. É assim que uma inscrição de Tegea é datada do ano LXIX da primeira parusia do deus Adriano à Grécia. Por altura da visita de Nero a Corinto e a Patras, estas cidades cunharam moedas em que era feita referência à parusia do mencionado imperador.

Deissmann salienta que o uso da palavra passou a estender-se ao mundo religioso, como se conclui de uma inscrição do templo de Asclépio, no Epidauru, em que é feita referência à parusia daquele deus.

★

Quando se faziam tão grandes preparativos para a parusia de reis efémeros e por vezes de imperadores indignos, como Nero, não merecerá Jesus uma recepção con-digna?

Grande privilégio, o da Igreja Adventista, a quem foi confiada a honra de constituir a comissão de recepção para a parusia do Grande Rei!

Desempenhem-nos pois dessa missão, tomando conhecida em todo o Mundo a iminência de tão venturoso acontecimento.

E que melhor recepção Lhe poderemos fazer do que apresentar-Lhe numerosas almas ganhas, como troféus do Seu poder salvador?

(1) Mat. 24:3, 27, 37, 39; 1 Cor. 15:23; 1 Tess. 2:19; 3:13; 4:15; 5:23; 2 Tess. 2:1, 8; Tia. 5:7, 8; 2 Ped. 1:16; 3:4; 1 João 2:28.

(2) Eurip., *Alceste*, 209; Tucídides, *Hist. da Guerra do Peloponeso*, 1, 128,5; Políbio, *Hist.*, 18, 314.

(3) 2 Macabeus 8:12; dfr. 15:21; Judite 10:18 (segundo o original, que não aparece nas traduções portuguesas: «Tornou-se conhecida no acampamento a notícia da sua (de Judite) vinda»).

(4) Estes textos podem encontrar-se em Adolf Deissmann, *Licht vom Osten*. Das Neue Testament und die neuentdeckten Texte der hellenistisch-römischen Welt. Tübingen, Verlag von J. C. B. Mohr (Paul Siebeck). 1908. Págs. 268-273. O capítulo dedicado à parusia no mundo helenístico encerra o que de mais completo sobre o assunto até hoje se coligiu.

Moisés e a Medicina

por Charles D. Willis

Há mais de três mil anos foi dado a Israel um invulgar conhecimento médico por meio de Moisés. Referindo-se a este, Virchow, conhecido como «o pai da patologia moderna», disse: «Moisés foi o maior higienista que o Mundo jamais viu.» Moisés dependia de conhecimentos revelados, e sem beneficiar de qualquer equipamento científico ensinou quase todos os princípios de higiene hoje praticados.

A maioria das referências médicas na Bíblia encontram-se no código moisaico. Se a Bíblia é um livro inspirado, essas referências devem ter alguma base científica.

Quando Moisés guiou os filhos de Israel do Egito para o deserto, enfrentou o problema da salvação da sua saúde. E fê-lo, em primeiro lugar, proibindo que se comessem vários animais imundos, tais como porcos, coelhos e mariscos. Só em 1847 é que Joseph Leidy descobriu o parasita *Trichinella spiralis* no porco. A maior parte das pessoas ignoram hoje esta proibição contra a carne de porco; mas num estudo feito em 1936 por dois médicos de San Francisco chegou-se à conclusão de que aproximadamente 25 por cento das pessoas que comem carne de porco devem ter a triquinose. Sabe-se que os coelhos podem estar infectados com turalemia mortal. Os mariscos podem ter o tifo oriundo dos esgotos (1).

Qualquer animal que tivesse sido despedaçado por outro ou tivesse morrido de morte natural não devia ser empregado como alimento pelos Israelitas. Proibia-se aos Hebreus que mutilassem os seus próprios corpos, quer seguindo o costume pagão de se golpearem pelos mortos, quer pela tatuagem. Estas diferentes regras reduziam consideravelmente as oportunidades de infecção (2).

Em Numeros 31:19-24 encontra-se uma significativa regra. Todos os objectos de metal tomados ao inimigo deviam ser purificados e passados «pelo fogo». Este é o

mesmo processo que hoje se usa para esterilizar uma agulha com uma chama antes da extracção de uma esquirola. Todos os materiais que não podiam ser purificados pelo fogo deviam ser lavados.

A água era protegida de contaminação de diversas maneiras. Os vasos descobertos numa casa onde a morte tivesse entrado eram considerados imundos. Os vasos em que animais imundos, como ratos e lagartos, tivessem caído deviam ser purificados ou quebrados (3).

O acampamento, ou comunidade, de Israel estava disposto segundo as necessidades sanitárias. É a primeira comunidade assim disposta de que há notícia. Havia um lugar à parte para os dejectos humanos, que deviam ficar enterrados. Deuterónimo 23:12-14. Como efeito deste sistema de enterramento evitava-se a infecção do solo por ancilóstomos e outros parasitas.

Em Levítico 11:9-12 e Deuterónimo 14:9, 10 vemos proibições contra o comer peixe sem escamas e barbatanas. Se o Senhor achou conveniente dar tais instruções, é porque devia haver boas razões para elas. Numa meticolosa investigação das propriedades tóxicas do peixe, o Dr. David Macht, conhecida autoridade em venenos químicos e animais, obteve extractos de mais de setenta espécies diferentes de peixes e injectou-os em ratos e usou-os também em «tests» sobre plantas em crescimento. Os extractos de tecidos de peixes venenosos mataram alguns dos ratos e retardaram o crescimento das plantas. Os extractos de peixes «comestíveis» não tiveram quaisquer efeitos prejudiciais tanto sobre os ratos como sobre as plantas. Quando os resultados deste estudo foram analisados, descobriu-se que todos os extractos venenosos provinham de peixes sem escamas, e que nalguns casos eram também desprovidos de barbatanas. O Dr. Macht concluiu: «Isto parece

fornecer uma base científica para a antiga classificação de peixes comestíveis e não-comestíveis, segundo tenham escamas ou não» (4).

Os Hebreus eram o povo mais limpo dos tempos antigos, e mesmo hoje as suas normas antigas dificilmente poderão ser melhoradas. Ordenavam-se banhos rituais por muitos motivos, e em todo o caso cada israelita tinha, pelo menos, um banho por semana, pois devia purificar-se no dia que precedia o Sábado. Se uma pessoa fosse cuspada por alguém que tivesse uma doença, devia lavar-se, Levítico 15:8. A lavagem era igualmente requerida depois de se tocar num cadáver, quer animal quer humano.

Moisés ordenou que todas as pessoas infectadas com doenças contagiosas fossem isoladas. Certamente a moderna ciência médica não pode melhorar esta regra. Era posto em quarentena não só o doente, mas também os que tinham entrado em contacto com ele. Em especial se defendia o contacto com um paciente de gonorrhoea. Levítico 15.

No domínio da psiquiatria há apenas um caso nítido acerca do qual são dados alguns pormenores na Bíblia. Trata-se de Nabucodonosor, rei de Babilónia. Foi predito por Daniel que ele ficaria demente por um período de sete anos, se não se corrigisse. O seu estado é assim descrito em Daniel 4:33:

«Na mesma hora se cumpriu a palavra sobre Nabucodonosor, e foi tirado dentre os homens, e comia erva como os bois, ... até que lhe cresceu pelo como as penas da águia, e as suas unhas como as das aves.»

(1) Owen S. Parrett, M. D., «Diseases of Food Animals», pág. 7.

(2) Levítico 19:28; Deuterónimo 14:1.

(3) Levítico 11:33.

(4) David I. Macht, M. D., «Physiological and Toxicological Effects of Some Fish Muscle Extracts». «Proceedings of the Society for Experimental Biology and Medicine», 46 (Janeiro-Abril, 1941), pág. 233.

Admite-se hoje que a loucura de Nabucodonosor era licantrópia, tipo raro de perturbação mental, na qual a pessoa atingida imagina ser um animal. Os ataques são seguidos de períodos intermitentes em que o paciente recupera a sua consciência. Uma característica da licantrópia é a completa negligência da apresentação pessoal. Sete anos desta doença fizeram crescer o cabelo e as unhas do rei. Há alguns anos, o Dr. David Yellowlees, presidente da Associação Médico-Psicológica da Grã-Bretanha, comentou o caso de Nabucodonosor e salientou o facto de que este tipo de demência pode ser curado e é susceptível de um restabelecimento completo, como sucedeu com aquele rei.

A Bíblia dá-nos o primeiro elo da sua cadeia de provas acerca do tamanho do homem em Génesis 6:4, onde lemos com referência aos antediluvianos: «Havia naqueles dias gigantes na terra».

Parece que na degeneração geral que se seguiu ao Dilúvio houve diversas correntes de homens que não degeneraram tão rapidamente como os outros. Provavelmente uma dessas correntes é a que se encontra na tribo Watusi, na parte sul-central da África. Este povo, excepcionalmente alto, tem mantido a sua identidade biológica por meio de estritas leis matrimoniais. Estas várias correntes constituíram os «gigantes» do Antigo Testamento. Moisés, em 1450 a. C., refere-se aos Zamzummeos, raça gigante que, em tempos antigos («dantes»), tinha ocupado a terra que então estava em posse dos Amonitas⁽⁵⁾. Em Deuterónimo 3:11 é apresentada uma descrição de Og, rei de Basan, o único homem que ficou «do resto dos gigantes». O tamanho da sua cama, de nove côvados de comprimento por quatro de largura, indica que ele devia ter tido pelo menos uns três metros de altura. A história de David e de Golias é bem conhecida. Encontram-se referências a outros gigantes que os Israelitas mataram nas suas guerras com os Filisteus⁽⁶⁾.

Uma cuidadosa leitura da Bí-

blia revela que, (1) O homem foi criado muito maior do que é hoje, (2) Tem havido uma degeneração progressiva do homem tanto no tamanho como na duração da vida.

É importante termos à nossa disposição factos e argumentos lógicos ao discutirmos a evolução. Não se pode esperar que a necessidade de fé possa jamais ser prescindida no caminho do cristão.

VALE A PENA PAGAR O DÍZIMO?

Por H. OSBORNE

O comércio de João Walker tinha começado em 1 de Julho de 1923 com um velho camião. Um canto do seu quarto de dormir servia de escritório; o mobiliário era composto por uma velha mesa e por um caixote à guisa de cadeira; uma caixa de café recolhia os fundos. A garagem servia de armazém. João Walker esperava com os seus fracos meios... fazer fortuna.

Virgínia, sua secretária, era sua esposa havia apenas dois meses; era uma linda loira de olhos azuis, que mal tinha dezanove anos. Ela supria a sua falta de experiência nos negócios pelo seu entusiasmo e admiração por João. Estava decidida a levar a bom termo a sua empresa. Foi, com efeito, graças à sua coragem e à sua vontade que ela pôde dar ao êxito de seu marido uma preciosa contribuição.

Durante os dois primeiros anos, o seu comércio não progrediu muito. João, porém, trabalhava sem desfalecimento durante longas horas. Levantava-se antes do nascer do Sol, partia para o campo a comprar frutas e legumes, e vendia-os aos merceeiros da cidade. Por vezes, Virgínia ia com ele para o ajudar a ajuntar e embalar as frutas para o mercado, a fim de ficarem mais em conta. O trabalho não a aterrorizava; a jovem senhora contabilizava cuidadosamente todas as transacções a fim de verificar os lucros. Por vezes, ia junto dos clientes para cobrar as facturas que estavam por pagar...

Mas quanto mais factos tivermos com que provar as nossas crenças, tanto mais fácil será entrarmos em contacto com pessoas de espírito crítico. O cristão encontra sempre regozijo ao encontrar novas provas da validade do registo inspirado.

(5) Deuterónimo 2:20, 21.

(6) 1 Crónicas 20:4-8; 2 Samuel 21:16.

Estava pronta a ajudar o seu marido por todos os meios.

No fim do terceiro ano, João e Virgínia puderam comprar um novo camião; era o mais moderno da época e João tinha orgulho nele. Dizia ele a Virgínia: um dia, teremos uma série destes veículos e a nossa companhia será conhecida em todo o vale! Com efeito, o seu comércio desenvolveu-se. A caixa de café foi substituída por um cofre, a velha mesa por uma secretária de carvalho e o caixote por uma cadeira giratória!

João era sempre tão entusiasta como na sua juventude: comprou um armazém de 150 m² de superfície, situado no centro da cidade. Depois construiu um escritório e mandou instalar nele o telefone. Assalariou uma secretária e dois empregados para o auxiliarem, e adquiriu dois novos camiões.

Mas chegaram os maus dias. O nosso comerciante perdeu todos os seus veículos com excepção de um só. Tive de despedir a sua secretária, e os seus dois empregados deixaram-no... Consegui, porém, conservar o armazém e o escritório, e continuou a lutar. Não queria confessar-se vencido. Embora os seus colegas fizessem bancarrota, ele continuava preso ao objectivo que se tinha proposto.

Virgínia retomou o secretariado, apesar do trabalho que agora tinha em casa com os três filhos que João lhe dera. Seu marido pensava que ela não poderia fazer tudo; mas ela respondia-lhe: «Sim.

posso fazê-lo, pois é necessário que tenhamos êxito!» João compreendeu que tinha uma esposa ideal e animada de uma coragem invulnerável. Estava-lhe reconhecido e trabalhava com maior coragem a fim de levantar o negócio que parecia partir à deriva.

Anos duros estavam ainda diante de João. Se os dois esposos pudessem ter podido ver as dificuldades que os esperavam, teriam talvez sido tentados a abandonar tudo!

No começo da segunda guerra mundial, as coisas começaram a melhorar. João empregou de novo uma secretária, comprou três novos camiões e teve de chamar novos empregados para o ajudar. Estava contente por ver o seu comércio prosperar de novo. Durante vinte e um anos, ele tinha lutado sem fazer grande progresso. Em 1944, a sua contabilidade indicava um aumento de várias dezenas de milhares de escudos com relação a 1923. Embora não fosse um resultado extraordinário, João estava contente por se manter sempre no comércio. Sua situação era, porém, muito mais florescente do que a de alguns dos seus amigos. Vários tinham perdido tudo por altura da crise económica mundial, mas João Walker, pelo seu trabalho e sua habilidade, estava ainda no comércio.

No princípio de Janeiro de 1944, André Roschi, um dos seus melhores empregados, convidou-o para uma reunião adventista que se fazia numa tenda. «Ah, não! disse ele, que tenho eu que fazer lá? Além disso, não tenho tempo para me ocupar dessas histórias!» Finalmente, João deixou-se persuadir e foi à reunião. O jovem pregador apresentou o seu assunto dum maneira tão entusiasta que João Walker ficou convencido de que ouvia uma mensagem de que tinha necessidade.

Na noite seguinte, voltou, acompanhado de Virgínia, e depois passou a frequentar regularmente aquelas reuniões. Ao cabo de três semanas o pregador fez um apelo, convidando os ouvintes a aceitarem Jesus Cristo: João e Virgínia en-

contraram-se entre os que responderam.

Desde então, João começou com entusiasmo a basear a sua vida e os seus negócios nos princípios descobertos na Bíblia. Decidiu pôr em prática todos os seus preceitos. Aceitou descansar ao Sábado e observar todos os diferentes pontos de doutrina que lhe tinham sido explicados, inclusivamente o pagamento do dízimo.

Todavia, o seu comércio não lhe facilitava o respeito pelo dia de repouso bíblico porque as mercadorias que vendia estavam sujeitas a estragar-se. O grande problema consistia em poder evitar, no Sábado, o transporte das frutas e legumes que deviam ser vendidos no Domingo, porque este último dia era sempre para o nosso comerciante uma ocasião de belas vendas. Mas João fez todo o possível por pôr a sua vida de acordo com os princípios bíblicos. Estava pronto a sacrificar tudo.

João Walker era um homem de negócios, e depressa notou que se Cristo pedia sacrifícios a Seus discípulos, garantia-lhes, por sua vez, Sua assistência cotidiana. No dia 1 de Julho de 1944 — princípio do ano fiscal — prometeu a Deus pagar desde então à Igreja o dízimo dos seus lucros.

Deus decidiu, porém, pô-lo à prova. Durante o ano que se seguiu à sua conversão, João teve todas as espécies de contratemplos financeiros: um dos seus camiões novos carregados de pêssegos e de tomates ficou esmagado contra o parapeito de uma ponte! Todo o carregamento se perdeu e o camião ficou inutilizável... Em Agosto, o seu armazém e o escritório foram destruídos por um incêndio! Apenas pôde salvar uma máquina de calcular. O seguro indemnizou-o, mas João sofreu, apesar de tudo, grandes perdas.

Pendeu alguns dos seus melhores clientes por fechar o seu negócio ao Sábado. Começava a perguntar-se a si mesmo se o que ele fazia era a melhor solução. «Não posso vencer, disse ele a Virgínia, tudo vai mal! Talvez eu tenha seguido mau caminho!»

«Não! tu estás no bom caminho, respondeu Virgínia. Devemos fazer o que Deus nos mandou fazer, suceda o que suceder!»

João alugou outro armazém e um escritório, e conseguiu vencer as dificuldades. Todavia, durante muito tempo parecia não prosperar e tinha dificuldade em «unir as duas pontas» (dos meses).

Em 1 de Julho de 1945, a sua contabilidade não indicava nenhuma margem de lucro para o ano fiscal transacto; apesar disso, João Walker estava decidido a permanecer firme. Desejava pagar fielmente o dízimo. Sua recompensa era pelo menos o facto de poder equilibrar o seu orçamento de maneira a não ter «déficit».

No ano seguinte tudo parecia ainda caminhar mal: dois camiões foram destruídos e perdeu além disso dois dos seus melhores empregados, que, ao deixarem-no, pensavam que não tardaria muito que seu patrão fizesse bancarrota. Apesar de tudo isso, as contas do ano 1945-46 indicavam uma pequena melhoria, e João lembrou-se da promessa feita a Deus no ano precedente. O nosso homem não desanimou, e estava decidido a seguir o caminho que tinha principiado. Seus negócios melhoraram; as encomendas chegavam agora com tal rapidez que estava sobrecarregado de trabalho. Ele tinha de fazer quase tudo. Teve de comprar um camião e de contratar um empregado. Nunca tinha tido tanto trabalho. Em breve, comprou dois novos camiões e contratou mais empregados.

O comércio de João Walker progrediu de um modo notável. Teve ainda de comprar outros ca-

(*Continua na pág. 10*)

Já adquiriu o maravilhoso livro da Irmã White «O Desejado de Todas as Nações»? É não só útil para si, mas também será uma valiosa oferta para fazer aos seus amigos.

Aspectos da Igreja Adventista na Colômbia

Hamã na Colômbia

As acusações e perseguição do ímpio Hamã de outrora estão hoje repetindo-se contra o povo de Deus na Colômbia. Há ali o plano publicamente confessado de desarraigatizar qualquer crença que não esteja em harmonia com a religião do Estado.

Em muitos lugares estão sendo dadas ordens para se exterminar a Igreja Adventista. Em 23 irmãos tiveram de fugir para salvar suas vidas. Seus inimigos foram rapidamente de casa em casa confiscando Bíblias, hinários, trimesários e outra literatura, como «prova» de que eram criminosos e deviam ser mortos.

Uma carta recente de um dos nossos ministros diz: «A nossa casa foi assaltada. Os meus livros foram levados. Levaram os próprios registros do tesoureiro da igreja para 'prova' de que a nossa igreja está funcionando em desobediência às ordens oficiais.»

De outro obreiro recebemos a seguinte notícia: «Aqui neste distrito a situação vai cada dia para pior. No dia 9 de Julho fecharam a nossa igreja nesta cidade. No dia 5 de Setembro mataram o irmão A semana passada assaltaram as casas dos irmãos Tiveram de fugir, mal podendo levar qualquer coisa consigo e dificilmente salvaram as suas vidas.»

Há poucos meses, um grupo de crentes estava numa reunião, quando sobrevieram os seus inimigos. Sete deles foram torturados e mortos com requintes de crueldade. Duas das crianças foram atadas com as costas voltadas uma para a outra, e foi-lhes ordenado que cantassem hinos. Enquanto cantavam, suas inocentes vidas foram ceifadas da maneira mais selvagem.

Podíamos continuar a contar muitos outros incidentes — as perseguições e prisões contínuas de colportores em diversas cidades, os

numerosos alunos da Voz da Profecia que tiveram de passar por tristes provas (tendo muitos deles sido presos, mutilados e perdido até as próprias vidas).

O nosso único auxílio e consolação vem de Deus, porque não há refúgio nem alívio nem sequer junto das próprias autoridades. Mas lembremo-nos de que nos dias do ímpio Hamã, a liberdade e a felicidade vieram depois do jejum e oração, de fervorosa oração, pelo povo de Deus. Cremos e esperamos com todo o nosso coração que ao dedicarem os nossos irmãos do Mundo inteiro um dia especial de jejum e oração, o nosso Divino Protector dará de novo a libertação ao Seu povo.

Seja qual for a vontade de Deus, comprometemo-nos a empregar esforços ainda maiores para terminar a Sua obra nesta terra da Colômbia. Quando o trabalho estiver terminado, unir-nos-emos na fruição de uma felicidade sem limites no belo lar do nosso Salvador. — *David H. Basch.*

A Escola Bíblica por Correspondência na Colômbia

Devido às restrições é difícil realizar esforços públicos no nosso país, mas têm-se aberto muitas portas através da Escola Bíblica por Correspondência.

Ao sul da nossa república um jovem foi inscrito por um colportor. Este cavalleiro nunca viu nenhum dos nossos edifícios de igreja nem conhece nada acerca dos nossos cultos religiosos. Depois de diligente estudo em sua casa, tomou a firme decisão de ser fiel a Deus e de guardar os Seus mandamentos. Está guardando o Sábado e deixou de fumar e de tomar bebidas alcoólicas. É um homem influente na sua região — um homem muito ocupado — mas arranja tempo para estudar o Curso Bíblico com alguns dos seus amigos.

Noutro lugar isolado temos de-

zasseis alunos. Oito deles estão à espera que vá um ministro e os baptize. Recebemos deles tristes notícias. Alguns foram presos, outros tiveram de fugir de suas casas, e todos foram violentamente maltratados. Urgentemente pedem as vossas orações em seu favor.

Recentemente um dos nossos alunos bíblicos foi esquartejado devido às suas novas convicções religiosas. Outro aluno esteve preso 25 dias, e depois de ter sido posto em liberdade foi multado em cinquenta pesos. Em muitos lugares os funcionários do correio têm ordens para não entregar a correspondência do Curso Bíblico por Correspondência aos alunos, nem de remeter o correio dos alunos para a escola. Mas apesar destes obstáculos milhares estão estudando. Eles pedem as nossas orações diárias.

Irmãos, por favor orai e jejuai connosco pelos alunos da Escola Rádio-Postal e pela obra na Colômbia. — *Tirso Escandon H.*

Progresso no meio das perseguições

Contavam-se 2.000 adventistas na Colômbia antes das perseguições; agora há 8.000! O sangue dos mártires é sempre uma semente que dá heróis. Citamos algumas linhas do Ir. R. Henneberg, publicadas em «Lien», n.º 9, da Missão das Antilhas e da Guiana Francesa:

«A igreja-mãe de Bucaramanga conta hoje mais de 800 fiéis e muitas vezes a assistência ao culto de Sábado ultrapassa o milhar. Só nesta igreja, tem-se baptizado uma média de 200 pessoas por ano. Todas foram trazidas à fé por evangelistas leigos. Durante estes três últimos anos, baptizaram-se 500 pessoas e deste número apenas 11 apostataram.

«Não nos é possível enumerar todos os sacrifícios que fazem estes homens e mulheres de Bucaramanga»

A Bíblia tinha razão

Com este título foi há pouco publicado na Alemanha um livro, da autoria de Werner Keller. Esse livro já alcançou no seu país de origem uma tiragem de 200.000 exemplares e foi além disso traduzido em doze línguas.

Baseado nessa obra, apareceu na *Vida Mundial*, de Lisboa, em 2 de Fevereiro do ano corrente, um interessantíssimo artigo defendendo a veracidade da Bíblia. Dele extraímos os seguintes parágrafos:

«Deste modo, a Bíblia tinha razão, como tinha razão em muitos outros casos que são por alguns considerados como pura invenção ou exagero.

«Não são lendárias aquelas famosas cidades de que a Bíblia guardou os nomes e a localização, assim como se verificaram os acontecimentos relatados nas páginas da Sagrada Escritura. ...

«Não há, portanto, na Bíblia qualquer afirmação gratuita, como não há nenhuma descrição que não seja exacta. ...

«Verdadeiramente extraordinário é o caso de um general de brigada do exército inglês que, durante a primeira Guerra Mundial, se encontrava na Palestina. A brigada

mançã. Alguns sofreram mesmo o martírio. Ser preso é para eles coisa comum. Certamente não faltam provas nem inimigos.

«É igualmente impossível avaliar os resultados consideráveis do seu trabalho apostólico. O Evangelho tem sido pregado por eles até nas regiões mais inacessíveis do país.

«O decreto do governo que proíbe o anúncio e publicação de reuniões protestantes (fora dos lugares de culto não constitui grande obstáculo. A afluência é tal que pedimos aos nossos membros que se abstenham de assistir. A sala não conta senão 300 lugares sentados e muito antes da hora da conferência tudo está ocupado. As pessoas que vêm não são adventistas e não ignoram que incorrem no risco da excomunhão vindo às nossas reuniões.» — *Servir*.

Através da Imprensa

recebera ordem para ocupar uma aldeia chamada Micmas que se encontrava do outro lado de um profundo vale rochoso. O nome de Micmas não era novo para o comandante da brigada que, na Bíblia, encontrou uma descrição completa da maneira como o rei Saul conseguiu desalojar os filisteus de um reduto que dominava Micmas. Com base na narrativa bíblica, alterou-se o plano de ataque, tendo sido utilizada a tática de Saul. Como então sucedera aos filisteus, os turcos foram vencidos.

«Outros numerosíssimos exemplos vêm demonstrar que a Bíblia tinha e tem razão. Assim, os arqueólogos estão utilizando a Sagrada Escritura para procurarem vestígios da história humana daquelas terras onde floresceram as mais remotas civilizações. E, para concluir, nada nos parece mais indicado do que repetir as palavras de Goethe: 'A mais bela felicidade do homem que pensa é conseguir investigar tudo aquilo que pode ser investigado e venerar serenamente o que não tem investigação possível'.»

Os Adventistas sob uma nova luz

Durante muitos anos os adventistas têm, pela quase generalidade das igrejas protestantes, sido considerados como não-cristãos.

Uma das acusações mais divulgadas e infundadas é a de que a Igreja Adventista não acredita na divindade de Cristo nem na Sua obra redentora.

Ultimamente, alguns círculos protestantes têm concentrado a sua atenção sobre as nossas doutrinas, e chegaram à conclusão de que temos sido caluniados, baseando-se muitas dessas calúnias em citações de autores adventistas não representativos da atitude da Igreja ou em textos deturpados que apresentavam precisamente o contrário do

que o autor, em geral E. G. White, escrevera.

Recentemente, na revista americana *Eternity*, apareceu uma série de artigos, de que a seguir citamos alguns trechos.

«O autor leu extensamente as publicações da denominação adventista do Sétimo Dia e quase todos os escritos de Ellen G. White, incluindo os seus testemunhos, e sente-se livre para declarar que não pode haver dúvida de que a Sr.^a White era uma senhora cristã 'nascida de novo' que sinceramente amava o Senhor Jesus Cristo e que se dedicou sem reservas à tarefa de dar testemunho d'Ele. ... Nas doutrinas cardiais da fé cristã necessárias à salvação da alma e ao crescimento da vida em Cristo, Ellen G. White nunca escreveu nada que seja seriamente contrário às simples e claras afirmações do Evangelho.» — *Eternity*, Outubro de 1956, pág. 38.

«A minha investigação descobriu o facto de que não só muitas citações não representativas de antigas publicações adventistas do Sétimo Dia foram expurgadas das actuais edições dessas publicações, mas que muitas das críticas do Adventismo do Sétimo Dia fazem constantemente um uso inético da elipse — a omissão de partes de frases, ou por vezes de parágrafos inteiros entre frases — a fim de aparentemente acusar os adventistas de defenderem crenças que vigorosamente rejeitam. O abuso da ética por alguns escritores e editores, tanto não-adventistas co-

Assinar a «REVISTA ADVENTISTA» corresponde a ter à mão um repositório de artigos do máximo interesse espiritual, directrizes seguras para a marcha dos diferentes Departamentos e as notícias mais interessantes do Movimento Adventista através do Mundo e do campo português.

mo adventistas, é chocante quando fazemos uma investigação minuciosa da contraditória literatura em causa!» — *Ibid.*, Novembro de 1956, pág. 38.

Longe de nós pretender que os autores dos mencionados artigos estejam prestes a tornar-se adventistas, ou que defendam todas as nossas doutrinas. Pretendemos apenas salientar que começa a fazer-se justiça a uma denominação que tem sido injustamente caluniada. É o que aliás reconhece o autor do último trecho citado.

«Como Baptista não defendo as suas doutrinas características, que discutiremos a seguir, mas um estudo imparcial dos factos que se estendem por um período de mais de setenta anos, entrevistas com dirigentes da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e um meticuloso exame de uma volumosa quantidade de publicações adventistas e não-adventistas, levou-me como 'investigador polemista' a crer que os círculos evangélicos ortodoxos devem hoje fazer uma razoável revalorização da posição do Adventismo do Sétimo Dia.» — *Ibid.*

Paz com os Adventistas

Sob esta mesma epígrafe, lemos na revista *Time*, de 31 de Dezembro, págs. 40 e 41, um notável artigo, no qual se faz precisamente referência aos estudos que acabamos de mencionar.

Destacamos as seguintes linhas:

«Um dos conflitos teológicos peculiares entre os protestantes dos Estados Unidos, que em nossos dias têm causado não poucas lutas violentas, é o que tem tido lugar entre os Fundamentalistas e os Adventistas do Sétimo Dia. O Fundamentalismo — a poderosa ala conservadora do Protestantismo dos Estados Unidos, sólidamente circunscrito pela Cintura Bíblica e que ultimamente se tem tornado cada vez mais influente — tem durante muito tempo considerado os Adventistas como religião não cristã, apontando-se-lhes estranhas heresias e fantasias que os tornam companhia perigosa para a alma.

Mas a semana passada um dos órgãos da opinião fundamentalista nos Estados Unidos mudou por completo essa posição. A revista mensal *Eternity*, que entre os Fundamentalistas exerce uma influência que ultrapassa a sua tiragem de 40.000, disse aos seus leitores: 'É definitivamente possível, cremos nós, ter comunhão com os Adventistas do Sétimo Dia'.

«Para expor as anomalias adventistas, o director de *Eternity*, Donald Grey Barnhouse, um dos mais acatados dirigentes do Fundamentalismo nos Estados Unidos, encarregou há dois anos o membro do corpo redactorial Walter R. Martin, de estudar a seita. Martin, 'investigador polemista', que já tinha sob o ponto de vista fundamentalista tirado a pele às Testemunhas de Jeová e aos Cientistas Cristãos, pôs-se ao trabalho e descobriu com espanto que trazia não uma espada mas paz.

«Como resultado das suas investigações, os Fundamentalistas estenderam uma mão, e os Adventistas do Sétimo Dia aceitaram-na alegremente. ...

Como conclusão das investigações feitas, escreve o evangelista Barnhouse: 'É com prazer que fazemos justiça a este caluniado grupo de sinceros crentes, e em nossas mentes e corações apartamo-los do grupo de declarados heréticos tais como as Testemunhas de Jeová, os Mormons e os Cientistas Cristãos, para os reconhecer como irmãos remidos e membros do Corpo de Cristo'.

VALE A PENA PAGAR O DÍZIMO ?

(Continuação da pág. 7)

miões, de contratar mais empregados. Aumentou o pessoal do escritório. As encomendas afluíam. Apresentavam-se novos clientes. A sua indústria crescia como um cogumelo em terra húmida.

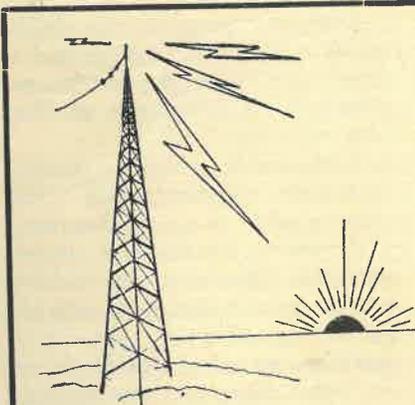
No decurso dos quatro anos durante os quais João pôs em prática os princípios do Evangelho, os seus lucros tinham mais do que quintuplicado. Sem querer dar a essa constatação uma interpretação «comercial» que estaria de resto fora do espírito do Evangelho, permiti-me que vos faça esta pergunta: «Vale a pena pagar o dízimo?» João Walker está persuadido de que sim.

CAI UM PIONEIRO

(Continuação da pág. 11)

A cerimónia terminou na capela de La Lignière pela oração do Ir. Ulisses Augsburguer. No cemitério de Gland, depois de algumas palavras proferidas pelo Ir. J. C. Guenin, foi o Ir. Fernando Augsburguer que se fez o intérprete de cada um de nós, dirigindo a Deus uma fervorosa oração. Assim se realiza em relação ao Ir. Vuilleumier esta palavra de Dan. 12:13: «Tu, porém, vai até ao fim; porque repousarás, e estarás na tua sorte, no fim dos dias.»

Robert Gerber



**EMISSÕES
ADVENTISTAS**

RÁDIO INTERNACIONAL DE TANGER
49 m (6110 kc) ou 248 m, (1232 kc)
todos os Domingos, às 10 h.

///

EMISSORA DE BENGUELA,
em Angola, 31 m e 60 m, todas
as segundas feiras, às 20,30.

CAI UM PIONEIRO

—JEAN VUILLEUMIER

Por ROBERT GERBER

Mais um veterano partiu... Não voltaremos a ver entre nós o rosto familiar do Ir. Jean Vuilleumier, que se extinguiu pacificamente em La Lignière, a 9 de Dezembro de 1956, com a avançada idade de 92 anos.

O Ir. Vuilleumier nascera a 5 de Setembro de 1864, em Tramelan, na Suíça. Seus pais pertenceram ao número dos primeiros adventistas naquele país, de sorte que recebeu a boa influência da mensagem desde pequenino; tinha 14 anos quando foi baptizado, em Colombier, no cantão de Neuchâtel. Foi pois membro da nossa igreja durante 78 anos!

No começo do ano de 1883, quando não tinha ainda 19 anos, entrou para o serviço da nossa casa editora de Basileia, onde trabalhou durante sete anos como secretário, tradutor e redactor. Dali partiu para os Estados Unidos onde, durante dois anos, exerceu sucessivamente as funções de tradutor na *Review and Herald* e de professor de Bíblia num dos nossos colégios. Foi em seguida obreiro bíblico durante quatro anos na Conferência de Massachussetts, e depois evangelista na Argentina durante cinco anos.

No princípio do século XX, o Ir. Vuilleumier voltou para a Europa, onde serviu a causa de Deus na França e na Suíça como evangelista, tradutor e professor de Bíblia, durante onze anos. Conheceu em 1909, na nossa escola missionária de Gland, da qual ele era director. Deixou-me, particularmente como professor de Bíblia, uma excelente recordação.

Em 1911 partiu de novo da Europa, desta vez para o Canadá, onde trabalhou durante seis anos na provincia de Quebec, como evangelista, e depois em Ontário, como professor, durante três anos. Mas depois da primeira guerra mundial foi director, por pouco

tempo, na casa editora de Gland, até à altura em que foi transferido para Dammarié-les-Lys, em 1922. Continuou ali a sua actividade até 1932, data em que depôs as armas, depois de ter combatido sem desfalecer durante meio século. Permaneceu ainda algum tempo em França, depois voltou para a Suíça, seu país natal, e retirou-se para Lausanne com sua esposa e sua filha Aimée. Permaneceu bem desperto durante longos anos; mas nestes últimos tempos a sua saúde começava a declinar. Todavia, foi apenas uns quinze dias antes da sua morte que o seu estado se tornou verdadeiramente inquietante e que foi transportado para La Lignière.

Quando se encontrava na Argentina, o Ir. Vuilleumier perdeu a sua primeira esposa, da qual tivera duas filhas, que vivem há muito nos Estados Unidos. Alegro-me que uma delas, Sarah Stone, acompanhada de seu marido e de sua filha, tenha vindo à Europa no Verão de 1955 e tenha podido revê-lo antes da sua morte.

O serviço religioso, presidido pelo Ir. Vaucher, teve lugar na capela de La Lignière, na terça-feira, 11 de Dezembro de 1956, na altura em que o Conselho Anual da Divisão Sul-Europeia ali tinha a sua sessão. Depois da oração do Ir. Albert Meyer, o Ir. M. V. Campbell, nosso presidente, tomou a palavra, e declarou quanto se tinha enriquecido em contacto com o Ir. Vuilleumier, no Canadá, há já muito tempo, quando este foi seu professor de Bíblia e de línguas. Conservou dele uma bellissima recordação, pois reconhecia nele um homem de Deus. «Sabemos, disse, que dormiu em Jesus para despertar um dia num país em que já não haverá mais morte e pelo qual suspiramos.» O Ir. Aitken apresentou então aos membros da família enlutada os pesa-



Jean Vuilleumier

mes da União Suíça e sublinhou, em particular, a bem-aventurada esperança que enche os nossos corações. Em seguida citou os versículos 12 e 13 de Apocalypse 14, que se aplicam perfeitamente a este «pai em Israel» que acaba de cair.

Lévantando-se por sua vez, o Ir. Vaucher prestou homenagem a um dos raros combatentes da primeira hora que defendeu as nossas cores em três continentes, e que o fez não apenas por palavras, mas sobretudo pela pena. O nosso irmão punha um cuidado extraordinário em tudo o que publicava, de sorte que os seus escritos revestiam um carácter literário que vinha juntar-se ao seu talento natural.

O Ir. Vuilleumier participava activamente na defesa e no desenvolvimento de todas as boas causas, nomeadamente nas da liberdade religiosa e da temperança. Amava muito o estudo das profecias e gostava de pregar sobre a volta de Cristo, como todos os pioneiros do movimento adventista. Quando, segundo ele, um princípio vital estava em causa, lutava com denodo em seu favor.

(Continua na pág. 10)

Se o prezado leitor tem crianças em casa, não deixe de assinar a revista «O Nosso Amiguinho».

Notícias das Missões Africanas

pele Pastor Manuel Lourinho



Pastor Manuel Lourinho

«Que é feito da sua aparada pena?» «Quando escreve um artigo para a *Revista Adventista*?» Eis duas perguntas que bem merecem, da minha parte, amável resposta, por não ser justo corresponder com descortesia a tal gesto de consideração da parte do pastor E. Ferreira.

Em verdade, muito tempo é já passado deste a última vez que enviei colaboração da minha, bem de longe, «aparada pena», para a nossa revista.

Frequentemente se me pergunta acerca da obra que o Senhor está fazendo em Angola e Moçambique e, assim, não perderei a oportunidade que me é oferecida para, nas colunas da *Revista Adventista*, falar aos nossos irmãos e amigos acerca do importante trabalho que está sendo levado a cabo pelos nossos prezados colaboradores, com o auxílio de Deus, naquelas duas parcelas do nosso vasto império ultramarino.

Desde logo, nada mais natural e lógico que dar contas, periódica-

mente, àqueles que nos incumbiram dessa tarefa, tanto mais que nela empenham os seus bens e as suas orações.

Todos os nossos irmãos em Angola e Moçambique, e os obreiros muito especialmente, apreciam e se mostram muito reconhecidos pelo interesse manifestado, bem como pelo esforço realizado pelas nossas igrejas em geral, a favor da obra nas missões.

Não é em vão, queridos irmãos e amigos que, semana após semana, dia após dia, dais os vossos dízimos e ofertas e dirigis a Deus as vossas orações, pois podemos assegurar-vos que estais contribuindo para o desenvolvimento e progresso duma causa das mais meritórias: educar, instruir, curar, evangelizar e salvar grande número de almas para o Reino de Deus.

Não cabe, num pequeno artigo como este, focar, em toda a sua extensão, cada uma das importantes facetas do trabalho que se está levando a cabo em África, mas é nosso propósito fazê-lo em artigos que publicaremos depois, aproveitando o ensejo que agora nos oferecem as nossas férias.

Nos últimos meses do ano passado, em viagem longa e demorada, ofereceu-se-me a oportunidade de visitar alguns dos mais importantes centros missionários: no Congo Belga, nas Rodésias, em Niassalândia, Moçambique e União Sul-Africana.

Por toda a parte o trabalho do Senhor prossegue com um incremento extraordinário. Planos são feitos para melhorar, aumentar e intensificar a Obra em todos os seus departamentos, e estender a nossa esfera de influência cada vez mais longe.

De ano para ano aumenta consideravelmente o número dos nossos membros, contando-se por centenas e milhares os assistentes às nossas reuniões.

Devemos à amabilidade do Pastor E. L. Jewell, secretário-tesoureiro da nossa União e antigo missionário na Rodésia do Sul, que foi para nós um incansável cicerone, as facilidades que obtivemos para visitar alguns interessantes pontos turísticos e centros missionários nas Rodésias, Niassalândia e União Sul-Africana. A sua ajuda foi deveras valiosa ao contactarmos com os nossos irmãos na velha missão de Solusi; na visita que fizemos ao hospital e colónia de leprosos em Malamulo, a outras missões e particularmente às nossas importantes instituições em Johannesburgo e Cidade do Cabo.

Perdurará por muito tempo ainda, na minha mente, o emocionante encontro que fizemos, na Missão de Solusi, a primeira Missão adventista em todo o Mundo, com o venerável ancião — «o Papá Jewell» — como é chamado o simpático velhinho com 81 anos de idade e 43 de activo serviço nas Missões africanas.

As experiências e narrativas missionárias que lhe ouvimos foram para nós motivo de fé e encorajamento. Envergonha-nos o pouco que temos feito perante estes pioneiros da obra missionária em África.

Sempre acompanhado pelo pastor Jewell, gastámos cerca de um mês com os nossos irmãos de Moçambique. Apesar das dificuldades de certa espécie naquele campo, o trabalho está fazendo progressos e aos congressos da Missão de Munguluni acorreu um número de assistentes como nunca antes. Foram baptizados mais de 150 novos crentes e é deveras prometedora o número dos inscritos nas classes baptismais. O irmão A. Lopes, director da Missão, tem mais trabalho do que pode fazer e urge enviar-lhe auxílio. Infelizmente a saúde de sua esposa encontra-se bastante abalada, mas nem essa circunstância detém os nossos ir-

mãos que se entregaram de corpo e alma ao seu trabalho.

É de apreciar o trabalho dos nossos obreiros leigos. Em certo lugar, no território de Munguluni, um desses obreiros, o irmão Sardinha, ganhou para a verdade, o ano passado, 45 membros. Além disso, construiu ele próprio, sem dispêndio para a Missão, uma espaçosa catequese, mantendo reuniões regulares cada semana.

Outro obreiro leigo, Daniel Harawa, está à frente dum interessante trabalho, na Manga, a poucos quilômetros da cidade da Beira. Realizámos ali boas reuniões e pudemos celebrar uma comvente cerimónia baptismal.

A nossa visita a Lourenço Marques, foi motivo de grande encorajamento para o interessante grupo de irmãos e amigos que o irmão Samuel Graça está dirigindo naquela linda cidade.

No sábado, 20 de Outubro do ano passado, um aparatoso acidente de automóveis pôs em perigo as nossas vidas, quando uma camioneta chocou violentamente com o carro do irmão Graça. A não ser a providência de Deus e todos teríamos ficado mortos. Minha esposa saiu com uma clavícula fracturada, a pequenita dos irmãos Graça bastante ferida na cabeça, e os restantes fomos receber curativos leves ao hospital.

Nessa mesma tarde, apesar dos ferimentos, teve lugar a nossa animada reunião e sepultámos quatro preciosas almas, nas águas do Índico, talvez não longe da rota seguida pelos nossos navegadores de outrora.

A Divisão Sul-Africana, com os seus 140.000 membros, e com o seu vastíssimo território, constitui, sem dúvida, o mais importante campo missionário de toda a África.

As igrejas tornam-se insuficientes, sobretudo nas grandes cidades como Johannesburgo, Pretória e Cidade do Cabo.

Em Pretória pudemos verificar o interesse do povo pela nossa mensagem, logo que a enorme tenda onde está sendo feito um es-

forço especial, se encheu, apesar da sua lotação ir além de 1.000 pessoas.

Um dos maiores problemas em toda a África é a falta de obreiros bem preparados e treinados. Há ainda milhões para evangelizar.

No imenso território do Sudoeste Africano e em todo o Sul de Angola e Moçambique, para apenas falar das regiões que agora visitámos, o trabalho está apenas

iniciado. Necessitam-se obreiros cujos corações estejam cheios de amor e zelo pelas almas.

«Os milhões de seres humanos que ainda não tiveram ocasião de ouvir a verdade para a nossa época, voltam-se para nós e pedem-nos que lhes levemos rapidamente a mensagem. A ocasião mais favorável e o maior repto de todos os tempos estão perante o povo de Deus nesta hora grave e solene.»

Departamento de Publicações

da União Portuguesa

RELATÓRIO ANUAL DE 1956

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
António Gomes Duarte ...	2.481	37.376\$00	21.148\$00	58.524\$00
Adelino Nunes Diogo	2.047	23.210\$00	6.060\$00	29.270\$00
Maria Luísa (S. Serra) ...	1.189	—\$—	27.810\$00	27.810\$00
Anselmo G. de Almeida ...	1.311	19.585\$00	5.112\$00	24.710\$00
Isaías da Silva	902	21.310\$00	1.950\$00	23.260\$00
Manuel de Jesus C. Ratana	802	10.390\$00	8.805\$00	19.195\$00
António T. P. de Aguiar	674	7.680\$00	15.300\$00	12.980\$00
Manuel de Oliveira	1.123	10.041\$00	280\$00	10.321\$00
Eliseu Gomes	886	3.958\$00	5.240\$00	9.198\$00
Flora Saramago	1.175	445\$00	8.688\$00	9.133\$00
Joaquim Dias de Oliveira	367	2.240\$00	5.940\$00	8.180\$00
António Antunes Mauricio	275	3.000\$00	5.050\$00	8.050\$00
Idalina Ferreira	147	—\$—	6.820\$00	6.820\$00
Júlio A. Ribeiro Luís	593	3.341\$50	2.782\$50	6.124\$00
Armando J. S. Ferraz ...	164	5.580\$00	30\$00	5.610\$00
Maria da C. F. Rezende	484	525\$00	4.455\$50	4.980\$50
Elias Rodrigues	130	1.785\$00	1.500\$00	3.285\$00
Aurélia Simões da Silva ..	65	—\$—	2.835\$00	2.835\$00
Judite Gabriela de Aguiar	54	—\$—	2.830\$00	2.830\$00
Januário Quintino	428	1.020\$00	1.555\$00	2.575\$00
João José Parreira Lopes	158	2.310\$00	—\$—	2.310\$00
António Maria P. A. Silva	158	265\$00	1.860\$00	2.125\$00
João J. Camacho Júnior ..	21	—\$—	1.750\$00	1.750\$00
Alice da C. Teixeira	134	—\$—	1.275\$00	1.275\$00
Maria Ester (C. Guedes) ...	130	—\$—	1.265\$00	1.265\$00
Maria Helena B. Câmara	12	—\$—	1.320\$00	1.320\$00
Reginaldo Alves Pereira .	10	—\$—	1.250\$00	1.250\$00
Alberto Gonçalves	10	—\$—	900\$00	900\$00
Daniel Camacho	8	—\$—	800\$00	800\$00
José Manuel da Silva Gill	7	—\$—	650\$00	650\$00
Fernando H. de Abreu ...	8	—\$—	650\$00	650\$00
Alberto Narciso Nunes ...	12	—\$—	630\$00	630\$00
Maria do Carmo de Brito	10	—\$—	600\$00	600\$00
Aizira Pereira	10	—\$—	550\$00	550\$00
Manuel A. M. Ferreira ...	42	—\$—	230\$00	230\$00
Diversos	4.657	39.426\$00	14.485\$00	53.911\$00
	19.597	1193.487\$50	1152.419\$00	345.906\$50

O Chefe de Colportores
J. Simões Grave

DEPARTAMENTO DE COLPORTAGEM

No número de Dezembro do ano findo demos nas colunas desta revista a notícia de termos iniciado uma campanha de assinaturas para

O Senhor, porém, ajudou-nos em tão grande medida, que não encarámos dificuldades em triplificar o nosso objectivo, aumentando

ao interior desta encantadora «Pérola do Atlântico», prontificando-se a colaborar connosco, como succedeu, felizmente.

Uma das fotografias que acompanham esta notícia apresenta-nos um belo grupo de rapazes e meninas que no Funchal continuam animados, de casa em casa, a manter e a expandir o interesse e simpatia pela bela revista, não tendo nós receio de afirmar que dentro de poucas semanas se eleve a mil o número dos assinantes na paradisíaca ilha, para nós, portugueses, tão querida, como portugueses são os seus habitantes, os quais acolhem os continentais com requintada fidalguia.

Em breve iremos também às lindas ilhas dos Açores para o mesmo fim e na esperança de resultados idênticos, pois já entrámos em contacto com a juventude açoriana nesse sentido. Contamos com a simpatia e interesse de todos os prezados leitores da «Revista Adventista» para que sejam conjugados todos os esforços possíveis para tal efeito, quer colaborando com as suas orações, quer incitando os seus amigos a assinar tão útil revista

(Continua na pág. 16)



Porto — Grupo de colportores e jovens que têm trabalhado com «Saúde e Lar», aos Domingos

a revista «Saúde e Lar» em meados de Outubro e informámos os nossos estimados leitores e assinantes dos resultados animadores até então alcançados.

Mais de uma dezena dos nossos Colportores continua a dedicar-se inteiramente à revista e sempre com bons resultados e, antes de findar o ano, outra dezena fora recrutada e treinada no Funchal, entre a nossa juventude madeirense, sendo com grande prazer que informamos terem sido feitas cerca de seiscentas assinaturas, quase exclusivamente no Funchal e apenas em 22 dias de trabalho, em Dezembro e Janeiro findos.

Um jornal madeirense havia feito propaganda desfavorável à revista, por ocasião de uma outra campanha de assinaturas, um ano e meio antes. Todavia, nem isso nos intimidou, e partimos para uma nova campanha bastante optimistas e confiados em Deus, que nos ajudaria, e esperançados em animar rapazes e meninas para conseguirmos duas centenas de assinaturas.

a nossa satisfação ao constatarmos que certa classe de pessoas interessadas em se opor à expansão da revista, era agora a que mais nos animava a prosseguir com a campanha, insistindo, até, para irmos



Funchal — Grupo de jovens que estão trabalhando na campanha de «Saúde e Lar»

NOTÍCIAS DO CAMPO

Bongo (Angola)

1 de Dezembro de 1956 — Este dia, em que fazia 25 anos que a família Parsons chegou a Angola, foi de festa para a Missão. Os missionários aqui em serviço combinaram festejar este acontecimento, assim como o da chegada de Miss Ruth Johnson, também há vinte e cinco anos.

O Bongo, há 25 anos, era uma pequena estação missionária, com um pequeno dispensário, uma pequena escola, duas ou três casas para as famílias de missionários, e uma grande perspectiva na sua frente.

Durante estes anos todos, muita coisa o Senhor tem feito neste lugar. Um grande hospital, para brancos e nativos, uma bela escola, dormitórios, casas para missionários, as mais variadas instalações industriais, e milhares de crentes vivendo aqui à volta.

A influência do Hospital do Bongo, e do seu Director, estende-se por toda a província, e mesmo para lá das fronteiras, pois não é muito raro que pessoas do Congo aqui cheguem em busca de auxílio para as suas doenças.

Quantas vezes muitas pessoas, desiludidas, andam de médico para médico, e então alguém lhe lembra:

— Porque não vais ao Lèpi? Talvez o Dr. Parsons possa fazer ainda alguma coisa.

E vêm com fé, e Deus recompensa na maior parte dos casos essa fé. As consultas estão sempre marcadas com muitos dias, às vezes semanas, de antecedência, e também com os nativos que têm estado a cargo do Dr. Moretti, também a frequência é muito grande.

No dia 1 de Dezembro, no recinto reservado para os Congressos, reuniram-se os crentes da Missão, assim como muitos que de longe vieram assistir a esta festa. Velhos Catequistas e Pastores, velhos Irmãos e Irmãs, que têm mantido a sua fé através de cerca de 30 anos. Ali estavam quase todos.

O culto começou por uma saudação do Dr. Moretti em nome dos Missionários, falando depois o Pastor Mário Abel em nome dos nativos e, finalmente, alguns crentes que estavam baptizados

quando estes nossos irmãos chegaram, e que em palavras comovidas relembrou acontecimentos da vida da Missão.

Um dos mais velhos, lembrou quando acompanhava o doutor ao comboio, a uns 18 quilómetros, a pé, através do mato. Algumas vezes o Missionário viajava em carro boer, de tipoia, aos lugares onde era preciso levar a mensagem do Senhor. O Hospital há vinte e cinco anos era um pequeno dispensário. Hoje, as suas instalações, embora grandes, não chegam para albergar todos os doentes e sempre se estão aumentando. Os alunos dantes eram poucos, e quase era necessário pagar-lhes para virem à escola. Hoje não temos lugar para receber todos os que se querem matricular.

Os tempos mudaram e graças a essa mudança muita coisa e mais rapidamente se pode levar a mensagem através de todos os lugares a que a nossa mensagem tem hoje chegado.

Na tarde do dia 1, houve uma reunião de jovens em que, de maneira especial, em diálogos, poesias e hinos, a juventude quis prestar homenagem aos «velhos» da Missão, aqueles que desde há muitos anos têm sido os pilares desta maravilhosa obra.

Que Deus ajude os nossos irmãos mais velhos e que nós possamos tomar o seu exemplo no nosso trabalho.

13 de Dezembro — Estive de visita a esta Missão o Pastor Pedro Ribeiro, secretário-tesoureiro da União Portuguesa.

Chegou de tarde ao Bongo e visitou as instalações da Escola, dormitórios, indústrias, hospital e outras instalações da Missão.

Depois, os missionários, na quase totalidade portuguesa, alguns que trabalharam já na União Portuguesa, reuniram-se numa das casas da Missão. O Ir. Jewell, como Presidente interino da União, estendeu as suas saudações ao Pastor Ribeiro, que respondeu.

J. A. Morgado

Lisboa

Na tarde do dia 22 de Dezembro p. p., tivemos o prazer de poder assistir a mais uma cerimónia baptismal. Com a sala e galerias repletas de irmãos e visitas, seis

preciosas almas, dando público testemunho da sua fé, desceram às águas baptismais.

Com este pequeno grupo, o número de pessoas que se uniram ao Senhor em 1956, eleva-se a 32.

O Irmão Samuel Reis, que presidiu à cerimónia, teve a satisfação, que nós também sentimos, de baptizar algumas almas da sua Igreja.

Que estes novos Irmãos permaneçam no Senhor e sejam uma bênção para as Igrejas que os receberam com tanto amor e alegria.

Juvenal Gomes

Portalegre

«As Missões Adventistas no Mundo Português, pelo Pastor Manuel Lourinho, Director-Geral das Missões Adventistas em Angola e Moçambique».

Sob este título tem o Pastor Manuel Lourinho realizado várias reuniões de grande concorrência nos arredores de Portalegre. No dia 27 de Janeiro, nesta cidade, com excepcional assistência, mereceu o seguinte comentário da Imprensa local:

«Portalegre, 27 de Janeiro de 1957: No salão nobre da Congregação Adventista, teve lugar uma conferência cultural do distinto teólogo e Ex.^{mo} Senhor Manuel Lourinho. Há muito que não nos era dado escutar palavras sobre Arte e Arqueologia, na sua concepção histórica e geográfica, tratada por este nosso distinto conterrâneo, que tão belamente sabe dar forma ao sensível e latente na alma do homem.

No final da conferência, em projecções fixas foi demonstrada uma obra perfeita que se estende no campo religioso, conseguida pelas Missões Adventistas em Terras do Ultramar.»

Agradecemos ao prezado Pastor Manuel Lourinho o seu tempo e boa-vontade em colaborar no nosso esforço de evangelização, que desde o início tem atraído grande assistência.

Ao nosso estimado Irmão, sua Esposa e Filha, desejamos umas bem merecidas e reparadoras férias.

— No passado dia 7 de Fevereiro realizou-se nesta igreja o enlace matrimonial da irmã Virgínia Nunes, de Portalegre, com o

irmão João Baião, de Lisboa. A cerimónia foi celebrada pelo nosso presidente, Pastor Ernesto Ferreira, que tão habilmente exaltou os deveres e privilégios no matrimónio.

Ao jovem casal desejamos as maiores bênçãos de Deus.

João Chaves

Ribeira de Nisa e S. Julião

Tivemos o prazer e privilégio da presença no nosso meio, durante uma semana inteira, de 5 a 12 do corrente mês de Janeiro, do nosso prezado Irmão Pastor Ernesto Ferreira, digno Director da União, que veio pregar e pastorear entre nós durante esse período de tempo. Consideramos a sua estadia aqui um valioso concurso no esforço de evangelização, bem como um bom estímulo para uma maior fidelidade, fé e consagração dos membros da nossa Igreja. As suas mensagens ilustrativas e directas foram proveitosas para a Igreja e um bom testemunho para o público, sendo apreciadas por este povo que, apesar de inculto, é inteligente. Contudo, bem sabemos que Deus não se contenta que uma pessoa diga que tal pregador falou muito bem e que o que ele diz é a verdade; mas sim que aproveitou dos seus ensinamentos para uma nova vida em Cristo Jesus.

Na quinta-feira, a pregação do Pastor Ferreira foi um tocante sermão em favor da Igreja e do público que, como nos dias antecedentes, enchia o salão, para uma melhoria na fidelidade, fé e consagração dos membros, bem como para salvação das numerosas visitas presentes. Todos os corações foram tocados, aproximando-se da tribuna, oferecendo então o Pastor Ferreira ao Altíssimo uma notável oração intercessora.

Aproveitando a estadia na Metrópole e em Portalegre do estimado Pastor Manuel Lourinho, Director da União Angolana, foi ele que nos falou na sexta-feira, apresentando interessantes projecções da progressiva obra adventista naquela vasta província ultramarina e de Moçambique.

No Sábado continuou a tomar a palavra o Pastor Ferreira no culto, recebendo a Igreja as bênçãos espirituais da Palavra de Deus apropriadas ao dia do Senhor. À tarde, dirigimo-nos para Santo António das Areias, onde temos um bom número de estimados crentes baptizados, ministrando também a Palavra de Deus. À noite estávamos entre os

nostros simpáticos irmãos da Igreja de S. Julião. A sala da Igreja estava repleta, apesar dos membros e público terem sido avisados à última hora.

Foi, deste modo, a presença do Pastor, Director da União uma bênção para o nosso campo de trabalho. Não esquecemos também a



Irs. José Baião e Virginia Nunes,
no dia do seu matrimónio

bela colaboração do Pastor Manuel Lourinho, e esperamos que nos visitará mais vezes com o seu valioso concurso enquanto estiver na Metrópole.

Rogamos a Deus que seja conosco através das nossas fraquezas, deficiências e indignidades para realizarmos a Sua obra. Mas temos confiança n'Ele e dizemos como o apóstolo S. Paulo: «Posso todas as coisas naquele que me fortalece».

Aproveitamos a oportunidade para noticiar que abrimos há já algum tempo trabalho na Comenda, por intermédio dum aluno do C. B. por C., que havia pedido a visita dum obreiro, e cujo nome nos foi dado pelo Pastor Alberto Raposo.

Alugámos há pouco uma sala ampla. Um bom número de pes-

soas tem vindo às reuniões, incluindo bastantes creanças, a quem temos ensinado cânticos apropriados. Há já lá um amigo interessado que principiou agora a guardar o Sábado, e o referido aluno está fazendo planos com a ajuda de Deus para resolver o seu problema a fim de começar a fazer o mesmo.

Prezados irmãos, oremos e empreguemos os meios que Deus está pondo ao nosso alcance em favor da salvação das almas para cumprimento da missão que nos confiou.

J. Falcão

DEPARTAMENTO DA COLPORTAGEM

(Continuação da pág. 14)

como é a «Saúde e Lar», cada vez mais prática e mais atraente.

A outra fotografia que documenta as nossas palavras apresenta os Colportores e vários membros e jovens do Porto que tomaram parte na recente campanha na capital do Norte e os quais prosseguem, com ânimo e prazer, mesmo nos domingos, em tão agradável trabalho, que são para nós um constante incitamento.

Ao apresentarmos o relatório de vendas de 1956, aproveitamos a oportunidade para agradecer a todos quantos fizeram a sua parte para que nele apresentemos números tão animadores, como aproveitamos o ensejo para incitar todos quantos agora começam, a dedicar-se de todo o coração a tão nobre trabalho, sabendo que se forem fiéis e consagrados como os primeiros da longa lista, poderão também ser bem sucedidos nos resultados.

Desejando aos nossos Colportores um ano de muito abençoado trabalho e o amparo moral de todos os leitores e assinantes desta revista, que os acompanharão com as suas orações, considera-se vosso conserto no Senhor e às ordens de todos os que desejarem fazer uma experiência na Colportagem,

J. Simões Grave

Assine a Revista Adventista